

## OS ERROS DE DAMÁSIO

### Homenagem a uma fonte de inspiração

*António Pedro Dores*

De entre todos os fenómenos mentais (...) os sentimentos (...) são de longe os menos compreendidos (...). Isso é particularmente surpreendente quando pensamos que as sociedades avançadas cultivam os sentimentos da forma mais despuddorada e manipulam os sentimentos com álcool ou drogas (...). (Damásio, 2003: 17)

Vergonha. Foi o que senti ao ler o último livro de António Damásio, que discute a diferença entre sentimento e emoção. A emoção de vergonha despoletou-se pelo facto de o cientista enquadrar a apresentação das suas teses com a novela da sua procura pessoal para se aproximar de um seu inspirador: Espinosa.

As emoções provocam pensamentos sobre a diferença de estado experimentado, que podem fazer emergir sentimentos. Foi isso que aprendi da leitura, ao mesmo tempo que reflectia. Será a reflexão um sentimento que decorre de outros sentimentos? Será uma procura de novos sentimentos ou de elaboração de velhos (res)sentimentos?

Para explicar o sentimento de vergonha, pensei na valorização positiva que faço de quem procura uma paixão. Neste caso, uma paixão intelectual. É algo de exterior a mim mesmo, tipo consciência colectiva durkheimiana, que me impele a tal apreciação: será isso uma prescrição civilizacional judaico-cristã, que nos conforma? Em todo o caso, perscrutado o sentimento, o reflexo das emoções no meu corpo completo, físico e mental, emergiu em culpa e vergonha. A culpa de não ter sido tão firme quanto António Damásio na promoção dos meus principais inspiradores.<sup>1</sup> A vergonha de não ter usado a passagem de um deles por Lisboa para lhe dirigir uma palavra de agradecimento, uma resposta positiva à sua intervenção científica no campo da sociologia, tão pouco reconhecida e tão censurada, como no caso de Espinosa, salvas as proporções.<sup>2</sup>

Identificado(s) o(s) sentimento(s), ou o essencial dele(s), abriu-se um caminho de redenção e de reorientação através do uso da razão. Daqui para o futuro, em circunstâncias idênticas, passarei a reagir de outra maneira — devo ter-me dito. Mas será que efectivamente me disporei a tal? Realisticamente não é possível responder com palavras. A prática futura o dirá, se, sim ou não, cumprirei esse desejo de autotransformação.

Até que ponto as emoções e os sentimentos agora experienciados vão ser recordados e se imporão noutras ocasiões, ou vão ser ignorados no baú das memórias

---

1 Tal falta, pelos vistos, não é rara. Pelo menos Damásio encontrou-a em Espinosa e em Einstein. Se fossem apenas estes, até poderia parecer um atributo dos génios. De facto, não é o caso.

2 A referência tem nome: Francesco Alberoni, autor de textos marcantes para a minha formação sociológica (*Génese*, de 1989), um autor desdenhado por muitos colegas sociólogos.

esquecidas? Se o caso afectar suficientemente o amor-próprio (a relação íntima entre a mente e o corpo), e se os pensamentos sobre o que aconteceu ocuparem as energias mentais e processuais necessárias para encetar um processo de reflexão sistemática mais aprofundado — em que o tempo necessário para resultar em efeitos práticos depende da capacidade de concentração (que por sua vez depende do treino anterior de autotransformação pessoal e social), da disponibilidade e competência para usar o tempo em módulos experimentais consecutivos, do estabelecimento de objectivos interesseiros, por exemplo no campo profissional, de modo a ser possível antecipar benefícios e, assim, sustentar racionalmente todo o trabalho —, então pode emergir sentimento de vontade. Nessas condições, aumenta a probabilidade de as emoções e sentimentos futuros ficarem marcados firmemente na memória, disponíveis para serem associados às situações da vida e ao prestígio pessoal auto-avaliado. Vá lá saber-se a causa mais eficaz da transformação — se o choque com a realidade ou se a vontade do agente.<sup>3</sup>

Os valores de dignidade e firmeza intelectual e política, à custa de um modo de estar puritano no quotidiano, que António Damásio pôde observar em Espinosa e de que nos dá testemunho, resultam, segundo o autor, de escolhas pessoais do filósofo das luzes, perante as opções sociais que lhe foram impostas: entre o judaísmo e o cristianismo, mas sem os quais, um ou outro, ficou claro não ser possível ser aceite na sociedade holandesa, a mais tolerante do seu tempo. Através da filosofia, desenvolveu um mundo à parte, feito de palavras escritas e livros por editar (a cargo de um editor clandestino, que dedicou uma parte da sua vida a essa tarefa), na esperança que um dia, depois da sua morte, a sua vida fosse vingada por quem quisesse, como quis Damásio, honrar o seu nome e o seu amor-próprio.

O desafio era, e continua a poder ser formulado da seguinte maneira: toda alma, qualquer alma, é autónoma e sobrevive ao corpo que a aprisiona? Ou são os estados de espírito mais elaborados e inovadores, experimentados por seres especiais, que poderão, através de movimentos sociais, perpetuar a sua memória? A luta continua e António Damásio toma partido, como Espinosa, a favor da última opção, embora esquecendo, ou não tratando de pensar, como ficam aqueles cujo testamento não inclui nenhuma novidade para a humanidade, a maioria dos seres humanos.

A maioria dos seres humanos não usa os meios de registo, como os livros, para se comprometer pessoalmente com a humanidade. Ao contrário. Tal trabalho é considerado muitas vezes como supérfluo e mesmo perverso e secreto — quando

---

3 O dilema filosófico sobre a que dar prioridade, se à realidade se à maneira como os humanos concebem a realidade (sistema ou agente, como questiona a sociologia), tem produzido radicais de uma e outra posição, materialistas e idealistas, realistas e utópicos. Na formulação que aqui deixamos, ficamos com a noção que, por um lado, depende das situações qual dos factores é preponderante — por exemplo, alguém alucinado tende a não ser bom observador da realidade: há quem se veja prejudicado com isso, mas há também quem viva muito bem, na condição de se preparar para viver esse estado mental em segurança — e, por outro lado, depende também do modo de funcionar de cada ser humano e de cada fase da vida — por exemplo, a puberdade provoca estímulos que tornam mais viva e alucinada a realidade, ao mesmo tempo. O que pode ser perigoso, mas não deixa de ser atraente, em especial para a cultura ocidental pós anos 60.

se pensa na burocracia ou nas informações policiais e de espionagem, por exemplo. Mesmo a maioria dos artífices de profissões intelectuais (que têm vindo a crescer significativamente nas últimas décadas) (ver Almeida e outros, 1994; Costa e outros, 2000) fazem-no de modo anónimo, como representantes de disciplinas científicas e profissionais. Procuram interpretar e representar, como no teatro, sem sentimentos. Apenas com emoções rotinizadas. Como se isso fosse possível! Mas parece que sim, que o profissionalismo é isso mesmo: a separação entre a vida pessoal livre e a vida profissional subordinada, de que o respeito pelo segredo profissional é uma demonstração de eficácia.<sup>4</sup>

Aliás, uma corrente importante do interaccionismo simbólico utiliza a metáfora dramática para explorar esta duplicidade social, mais vulgar nos seres humanos do que a originalidade.<sup>5</sup> Quem se compromete no quadro de um sistema burocrático não é a pessoa (a quem juridicamente são garantidas todas as liberdades fora do quadro profissional) mas a profissão e a organização, em nome das quais o profissional utiliza sistemas de registo socializados (actualmente quase todos informatizados) de modo rotinizado, com sentimentos contidos e reprimidos dentro de si. Raros, entre esses, são os que “da lei da morte se vão libertando” e podem assumir pessoalmente o valor e os riscos de declarações extraordinárias. Mais raros ainda são aqueles que, como Espinosa, interpelam directamente a historicidade, recusando para isso, como nos explica Damásio, os benefícios das oportunidades de integração social.

Um registo personalizado é uma forma de compromisso de honra, não apenas consigo próprio mas também com os leitores. Estes, tal como Deus, potencialmente omnipresentes, no sentido do *Panopticon* (ver Foucault, 1975). O autor, esse, virtualmente ausente por detrás da sua obra, expõe os tabus e os segredos sociais, o lado obscuro da vida, pela positiva — optimista na capacidade humana de superar as suas próprias limitações — ou pela negativa — pessimista quanto aos limites das capacidades de transformação humana, em tempo útil.<sup>6</sup> Espinosa ludibriou o pessimismo que o afastou do mundo, congelando o seu espírito para o futuro — já que

---

4 A discussão das recorrentes violações do segredo de justiça em Portugal revela a indistinção de circuitos de informação que deviam estar condicionados, mas não estão. O mesmo se diga de informações bolsistas ou empresariais ou tecnológicas-industriais. Seja por desorganização burocrática, seja por mau uso dos poderes institucionais, usados também para fins pessoais, estes exemplos servem para expor limites do modo de funcionamento e do valor das regras do profissionalismo na modernização social.

5 Ler Kuhn (1970), que separa o trabalho normal dos cientistas, submetidos a um paradigma dominante, e o trabalho contraparádigmático e inovador, excepcional.

6 O autor joga, de alguma forma, o papel reservado ao Diabo no teatro teológico. Qual anjo caído, concorre com a palavra divina, através do registo do seu pensamento próprio, por escrito, para a vida que há-de vir depois da sua morte física. Ambição de reprodução *post-mortem* do ideário pessoal para orientação das gerações vindouras, num sentido semelhante — e por isso blasfemo — à ressurreição de Cristo. A luta pela possibilidade de publicação de trabalhos científicos foi primeiro a luta pelo direito de publicação sem censura, ao mesmo tempo que se estigmatizava o que não fosse científico — o mágico, o filosófico, o metafísico e também o exótico, produtos culturais de outras civilizações — e se demarcava um campo laico estanque ao campo teológico, o primeiro materialista e o segundo espiritual. Ler a esse respeito Neves (2004).

no presente isso lhe traria dificuldades —, tal como hoje se intenta fazer o mesmo com os corpos de alguns americanos visionários.

Os leitores podem servir de cúmplices, como se espera de um manifesto político, de avaliadores, como são os chefes hierárquicos, de apreciadores, como os espectadores, ou de tudo isso junto, como no campo científico. Os autores, cada vez em maior número nas sociedades avançadas, funcionam como sentimentos de mecanismos mediáticos. Estes últimos são próteses da consciência alargada, por vezes profissional, parcelas eventualmente burocratizadas da consciência social, materializados em produtos cuja classificação e circulação é submetida, cada vez mais, à superabundância, ao excesso de informação, à sua industrialização e à sua banalização. Desvalorizados ambos, *media* e sentimentos, pelo exercício sofisticado dos poderes sociais manipulatórios de emoções, públicos e privados.<sup>7</sup>

### Erro 1

Quem pode sentir-se recompensado pela virtude? E quem pode sentir-se sancionado pela vergonha? Não acompanho aqui o optimismo de António Damásio, sem que isso signifique nenhuma crítica fundamental das teses com que avança. Pelo contrário. Ao neurologista que teve a lucidez de desenhar os limites da explicação biológica nos limites das ciências sociais, a teoria social deve saber corresponder a tal abertura epistemológica com as rupturas apropriadas no seu próprio campo disciplinar. Uma delas será, sem dúvida, a capacidade de enfrentar os dilemas éticos sem preconceitos moralizantes, admitindo — porque é isso que corresponde à experiência quotidiana de qualquer ser humano — ser tão natural a bondade como a maldade nas práticas e carácter humanos, sendo ambas potenciais fontes de prazer-alegria e de dor-tristeza, consoante o indivíduo que estamos a considerar, a fase da vida que está a experimentar e as circunstâncias em que o faz, e também quem o avalie.<sup>8</sup>

### *Damásio e a ciência*

António Damásio é um divulgador de ciência, que o faz porque quer dar conta dos resultados inovadores da investigação de ponta na sua área, em que também participa. O conteúdo da sua investigação — a neurobiologia dos sentimentos humanos

7 Sobre o assunto ler David Lyon (1994), Castels (2004), Wacquant (2000) ou Bourdieu (2001).

8 Sobre o assunto ler Does (2003a e 2003b). Esses textos foram produzidos a pensar em superar os problemas colocados, por exemplo, por Norbert Elias (1997), quando reconhece como relevantes as críticas que lhe são dirigidas de apenas observar o lado civilizado da civilização e ignorar o lado bélico, que tornou o século XX o tempo dos maiores morticínios alguma vez experimentados pela humanidade. A sua resposta merece atenção: no longo prazo pode verificar-se, até aos dias de hoje, o desenvolvimento das capacidades de contenção emocional das pessoas e das sociedades. No curto prazo isso pode incluir perversidades como o carácter modernizador do exercício do poder nazi na Alemanha, que por razões ideológicas geralmente não é reconhecido. Assim falou, à laia de testamento, um ilustre sociólogo.

— é uma rebelião do cientista e da ciência contra os seus próprios limites, incluindo um pedido de solidariedade às ciências sociais. Uma escrita de excelente qualidade traz-nos à boca de cena a história das construções científicas, como literatura de divulgação e como documento científico, escrito para ultrapassar barreiras burocráticas, escolares, académicas entre disciplinas científicas e, portanto, também entre estas e o leitor. Para desafiar tabus e segredos.

Para que o círculo se feche, o objecto científico são as emoções que fundam a arte de romancear mas também, essa a maior das novidades, que estão na base da luta pelo avanço da ciência, do lado de cá e do lado de lá da mesa de dissecação do cérebro humano, na era dos cérebros electrónicos. Através do envolvimento filosófico do neurologista com Espinosa, um seu patrício, também emigrante intelectual, o ser humano observa-se naquilo que tem de essencial: uma natureza corpórea e social coordenada de forma imaterial, espiritual, construída como uma experiência social na história da selecção natural. O paraíso da intuição organicista, que merece ser recuperado à luz dos novos saberes e dos novos desafios.

Quando se trata de ultrapassar as fronteiras do saber, não por acaso, emerge em Damásio a natureza social dos seres humanos (“as emoções sociais”). Isso mesmo fica mais explícito quando são chamadas à liça, sob forma de apelo, todas as ciências sociais, para que possam dar continuidade ao esforço de clarificação sobre os mecanismos e as condicionantes, as emoções e os sentimentos, de base cerebral dos comportamentos humanos. É um estudo sobre as potencialidades da razão e, o que é o mesmo, sobre os fundamentos emocionais da vida humana. Um estudo, também, sobre os tabus científicos que têm tornado virtualmente impossível — até à actualidade — o desenvolvimento de tais investigações, como verifica o autor.

#### *Sentimentos e sociologia*

António Damásio não revolucionou apenas a neurobiologia do cérebro, através da introdução de um conjunto de rupturas epistemológicas — afinal óbvias, segundo ele próprio verifica. Ele desafia as ciências sociais a conformarem-se em torno de um novo paradigma, o que vindo das ciências duras é quase uma ordem. Vejamos o que podemos aprender com isso.

Há três grandes contribuições epistemológicas do pensamento de António Damásio sobre os sentimentos humanos, que podem ser identificadas em Damásio (2003), a saber:

- a) a ruptura cientificamente fundamentada com o paradigma da dualidade entre corpo e mente;
  - b) o novo regime de complexidade assim produzido nas ciências e a necessidade de elaborar a transdisciplinaridade entre ciências duras e ciências sociais;
  - c) a produção de quadros analíticos claros e operativos capazes de enquadrar conteúdos pertinentes a tais objectivos.
- 
- a) “É habitual imaginar a nossa mente” — diz o autor — “como povoada por imagens ou pensamentos de objectos, acções e relações abstractas, todas elas

relacionadas, sobretudo, com o mundo que nos rodeia e não com o próprio corpo” (Damásio 2003: 240). Será esse o fundamento da racionalidade moderna? Será por isso que a medicina se torna a única ciência (ou será engenharia?) autorizada a investigar o corpo humano, com exclusão de todas as outras humanidades? “Qual é (...) a ‘partícula’ elementar de um organismo vivo? A resposta é simples: uma célula viva. A partícula elementar crítica não é o átomo” (*idem*: 151). Se este último não admite qualquer tipo de espiritualidade, “(...) mente e corpo são (...) manifestações da mesma substância (...)” (*ibidem*: 26) orgânica.

“(...) [E]stranhas ideias com que cresci no que respeita aos sentimentos. (...) que os sentimentos não se podiam definir de forma específica, ao contrário dos objectos (...) os sentimentos não cabiam em nenhum programa científico. (...) Tal como era o caso com a consciência, os sentimentos existiam fora das portas da ciência (...)” (*ibidem*: 18). E que ideias foi buscar Damásio para elaborar este seu desconforto com a autolimitação da ciência moderna, senão as do mestre sociólogo Durkheim? “Os contratos sociais e políticos — diz Damásio, como poderá ter dito Durkheim — são extensões do mandato biológico pessoal. Somos estruturados biologicamente de uma certa forma, inclinados a sobreviver agradavelmente em vez de sobreviver com dor, e dessa necessidade provém uma certa forma de contrato social, e é curioso pensar que a tendência natural da procura de concordância social foi incorporada nas nossas características biológicas, pelo menos em parte, devido ao sucesso evolucionário das populações cujos cérebros aperfeiçoaram os comportamentos cooperativos” (*idem*: 198). Para um neurobiólogo à procura da complexidade, a sociologia parece uma boa escola. E é. Embora com reflexão mais avançada já disponível.

As sociologias das emoções e do corpo são especialidades recentes, dos anos 80, com algumas dificuldades de afirmar a ruptura epistemológica que ambas perseguem, talvez até por não terem sido ainda capazes de unir esforços em torno de um óbvio conceito comum: o da incorporação dos impactos sociais (emocionais, de moda, de estigmatização ou de identificação) nos corpos e nas mentes individuais. Para que o façam, convém reter a lição de Damásio: a mente preocupa-se, sempre se preocupou, quotidianamente com o corpo de que faz parte. E fá-lo como tarefa de fundo, automática, precisamente através das emoções, inatas ou aprendidas. Que sentido fará, então, separar o estudo social do corpo do estudo social das emoções?

b) “O genoma garante que todos estes dispositivos [como, por exemplo, o chorar e o soluçar] estão activos à data do nascimento, ou pouco depois, com pouca ou nenhuma dependência da aprendizagem, embora a aprendizagem venha a desempenhar um papel importante na determinação das ocasiões em que estes dispositivos virão a ser usados”. “(...) [O] equipamento inato da regulação da vida não está desenhado para produzir um estado neutro, a meio caminho entre a vida e a morte. Pelo contrário, a finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que o neutro, produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos como bem-estar” (*idem*: 52).

Portanto, a educação, formal ou informal, conscientemente organizada ou meramente convivial, manipula e transforma os dispositivos inatos,

controlando-os ou recompondo-os, elaborando-os, de modo a que a vida possa ter colorido, digamos assim, não seja uma sequência cinzenta e pré-programada de reacções pavlovianas. Nesse sentido, “os contratos sociais e políticos são extensões do mandato biológico pessoal” (*idem*: 198), num nível de elaboração institucional e formal muito elevado, se comparados com as sociedades tribais ou comunitárias.

Se assim é, por que razão a sociologia tanto estigmatizou e estigmatiza o organicismo e as inspirações cruzadas com origem na biologia, que de resto foram das primeiras a manifestar-se na nossa disciplina? E, *mutatis mutantis*, por que razão a biologia não desenvolveu ela mecanismos de entendimento dos fenómenos sociais, que seriam obviamente perturbadores da estanquicidade existente entre as duas ciências?

“(…) [A] ciência das emoções tem vindo a evitar cuidadosamente a ligação dos sentimentos a qualquer sistema cerebral. Dir-se-ia que os sentimentos existiam como uma espécie de vapor suspenso à volta do cérebro” (*idem*: 133). Do mesmo modo se pode dizer que a teoria social, a pretexto de se demarcar da filosofia e da teologia, tem evitado cuidadosamente a ligação às emoções e aos sentimentos, deixando cair, por exemplo, temas como o espírito revolucionário de Marx (a classe para si) o espírito do capitalismo de Weber ou a consciência colectiva de Durkheim, subvertidos por temas como a alienação, a propriedade de meios de produção,<sup>9</sup> a cultura, e compensados por disciplinas como a economia social, a psicologia social ou a ciência política. Todos, temas e disciplinas, concebidos como independentes da biofisiologia especificamente humana, das nossas potencialidades especiais e limitações como seres vivos, como espécie, resultado aparentemente único, ou pelo menos extraordinário, da expansão do universo.

“(…) [C]oisa curiosa e também cronicamente esquecida: os sensores nervosos (...) e os núcleos e feixes nervosos que mapeiam (...) informação são, eles próprios, feitos de células vivas (...) e precisam, também elas, de regulação homeostática (...)” (*idem*: 152). Quer dizer: também na neurobiologia, a vida é concebida como cercada por todos os lados por entidades não vivas, por matéria inanimada, ao ponto de — para facilitar o raciocínio, como se usa dizer — com a concentração da atenção científica a um determinado nível da realidade, neste caso o correspondente às dimensões do corpo humano, os outros níveis de realidade, os celulares por exemplo, serem pensados automaticamente como inertes, como neutros, como não vivos. O que é óbvia e reconhecidamente falso, mas nem por isso deixou de passar despercebido a várias gerações de investigadores meticulosos.

“Estas células nervosas não são observadores passivos e imparciais” (*idem*: 152), prossegue Damásio. “(...) as actividades do corpo dão uma certa forma ao mapa, conferem-lhe uma certa intensidade e perfil temporal, e contribuem no seu conjunto para aquilo que sentimos. Mas uma parte da *qualidade* daquilo que sentimos depende, provavelmente, do ‘meio’ (medium) em que são instanciados” (*idem*: 153, *italico no original*). Quer dizer: também os níveis de realidade superiores, o “meio”, têm vindo a ser pensados como se fossem inertes, ainda que haja toda

---

9 Sobre este aspecto específico ler Resnick e Wolff (2004).

a consciência de que não é o caso. A animação dos nossos sentidos humanos é “a ponta do icebergue. A parte escondida do icebergue diz respeito à animação cuja finalidade é a manutenção da vida nas partes e no todo do nosso organismo (...) o substracto crítico dos sentimentos” (*idem*: 153). Isto é: a vida humana depende tanto da vida individual das células, de cada célula, que compõem o organismo humano, como depende, de outro modo naturalmente, do meio ambiental e social, com o qual nos relacionamos através das emoções e dos sentimentos.

Desta verificação, não apenas curiosa mas epistemologicamente significativa, de auto-isolamento disciplinar ideologicamente construído, poderá eventualmente deduzir-se um corolário, referido por Prigogine (1996). As ciências modernas têm vindo a conceber o mundo como um grande sistema de subsistemas reversíveis, em equilíbrio potencial para onde todos os desequilíbrios tendem, diz o autor. Ora, só em laboratório, precisamente organizando ambientes extremamente raros e precários é, de facto, possível, em condições muito rigorosas, reproduzir tais situações extraordinárias de equilíbrio potencial. Na prática, fora do laboratório, há muito poucas probabilidades de encontrar situações semelhantes, já que a reversibilidade é, essa é a tese de Prigogine, um caso particular da irreversibilidade universal.

“(…) [P]oucas ou nenhuma percepções de qualquer objecto ou situação, presente na realidade ou recordado na nossa memória, podem ser classificadas como neutras em termos emocionais”, afirma Damásio (*idem*: 112). “(…) a finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que o neutro, produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos como bem-estar” (*idem*: 51). Eis a biologia confrontada com dilemas éticos. Por causa disso, as ciências sociais têm sido estigmatizadas, como se fossem elas as responsáveis pela existência moral ou como se as ciências naturais tivesse superado tais dilemas ou a eles fossem imunes.

Este é o fundo do acto de coragem — bem sucedido — que mais aprecio em António Damásio: um acto de solidariedade com as ciências sociais e um acto de perspicácia intelectual e científica capaz de romper barreiras epistemológicas profundamente enraizadas.

c) “O foco preciso desta [investigação] é a maquinaria intrínseca da emoção e não as circunstâncias que levam à emoção (...)” (*idem*: 44/45) e “(…) os sentimentos positivos e negativos são determinados pela regulação da vida” (*idem*: 155). Portanto, se a neurobiologia pode, e deve, autodeterminar-se por objectivos específicos e focados, não tem de haver nisso nenhuma limitação ao reconhecimento da existência relevante de outros níveis da realidade, analiticamente discerníveis mas a exigir modos empiricamente efectivos e teoricamente enquadrados de articulação interníveis.

“(…) [Espinosa] concebeu corpos e mentes (...) construídos a partir de componentes que se podiam combinar em diversos padrões e formar diferentes espécies. (...) compatível com o pensamento evolucionário de Charles Darwin” (*idem*: 27). Os sentimentos sociais podem ser entendidos como componentes existentes a determinados níveis de realidade que podem ser caracterizados por padrões e espécies.

### *A análise do real*

Damásio distingue quatro níveis de realidade, entre mecanismos vitais inatos e inconscientes (respostas imunitárias, reflexos básicos e regulação metabólica), num nível inferior, e emoções e sentimentos no nível superior (*op. cit.*: 53 e 63). A teoria social pode adoptar uma formulação analítica compatível e acrescentar mais andares, digamos assim, aos níveis identificados pela investigação neurobiológica: um nível de sociabilidades quotidianas, um nível de sociabilidades instituídas, um nível de sociabilidades provocadas, perturbadas e perturbadoras, potencial ou efectivamente.<sup>10</sup> A transdisciplinaridade, desta forma, não é mais do que um afinamento e sintonização de perspectivas analíticas compatíveis e de âmbitos de estudo (mais biológicos ou mais sociais). Por outro lado, a eventual constatação da estabilidade experimental ou observacional de um dos níveis de análise não implica, nem obriga, a aceitação das teorias da reversibilidade universal. Quer dizer: as sinergias científicas transdisciplinares devem ser desenvolvidas para que cada disciplina se desenvolva a si própria, e vice-versa.

A realidade pode, com vantagem, ser analisada sob a forma de níveis distinguíveis analiticamente. Na prática tais níveis são indiscerníveis uns dos outros e, ao mesmo tempo, não são pensáveis senão separadamente. Isso nos mostra Damásio nas páginas 53 e 63, por exemplo, quando explica em forma de árvore a sequência complexa, intrincada mas discernível de mecanismos encadeados que produzem emoções e sentimentos nos seres humanos, tanto quanto a neurobiologia actual é capaz de identificar, explicar e mostrar. Se quisermos dar continuidade a esse modo de proceder, mas agora concentrando a nossa atenção ao nível social, onde o suporte corpóreo deixa de ser unitário e revestido por um órgão próprio — a pele —, como devemos dividir a indivisível realidade social de forma a torná-la inteligível, comunicável e discutível?

Análise social, inspirada no pensamento bio-neuronal de Damásio

A nossa proposta para análise social refere-se a três níveis, a saber: o nível quotidiano, o nível cultural e o nível das disposições de intervenção social (cf. Dores, 2003e e Dores, 2004a). Estes níveis de realidade distinguem as actividades sociais directamente incorporadas nos indivíduos das actividades sociais imateriais, espirituais, mentais das pessoas, umas produtoras de recursos culturais e outras de actividades extraordinárias de mobilização.

Cada um dos níveis apontados distingue-se dos restantes por densidades e profundidades diversas, sendo o quotidiano o mais superficial e o mais denso, o das disposições o mais profundo e o menos denso, e o cultural o intermédio.

Maior profundidade predispõe a actividade cultural para a animação da acção social, maior densidade cultural aproxima a cultura do quotidiano, da descoberta. A intervenção social rompe com a cultura quotidiana e transforma o

---

10 Este tema é desenvolvido em Dores (2004a).

quotidiano e a cultura, com diferentes potenciais para o futuro. A disciplina quotidiana é o sustentáculo das competências sociais efectivamente disponíveis, seja para a reprodução seja para a transformação social.

A formulação que aqui entrevemos tem a vantagem de explicar o poder da palavra, da cultura, do livro ou da internet. Face ao quotidiano, as actividades culturais representam escolhas — tempo e intensidade de comunicação — que rasgam as rotinas, densas como o chumbo, da reprodução social, com esperanças e conspirações pessoais ou sociais, que as tornam potencialmente subversivas, independentemente das vontades individuais. Não que a cultura seja subversiva em si mesma, mas sim porque sem cultura haverá menos base de sustentação e orientação para a intervenção social. Nestes termos, a cultura funciona para o nível das disposições de intervenção como o quotidiano para a cultura: fornece-lhe os materiais — neste caso completamente imateriais, os ideários — através dos quais se organizarão as actividades sociais volutivas, sejam elas acordos institucionais ou lutas sociais.

Os regimes autoritários concentram-se na produção cultural própria e, tanto quanto possível, exclusiva — é o que se chama totalitarismo, pois ensaia uma sintonização forçada entre os níveis quotidianos e cultural, por forma a limitar a intervenção social. Os regimes democráticos escolhem governar valorizando principalmente a dispersão cultural.<sup>11</sup> As intervenções sociais livres confrontam-se mutuamente e geram dinâmicas sociais institucionalmente manipuláveis através de acções concertadas.

O poder da cultura, da expressão, é o facto de ter sido escolhida entre muitíssimas outras possibilidades alternativas, o que a torna única. O facto de se dizer a alguém “amo-te” tem valor pelo simples facto de ser dito, e não calado. Mesmo que esconda tudo o resto — por exemplo, a falta de um sentimento apaixonado ou factos desagradáveis ou intenções perversas. O sentimento será sempre demasiado íntimo e esquivo, mesmo para o próprio: as palavras ditas na face de outra, dirigindo-se-lhe são, de facto, um acto raríssimo, porque rara já é a comunicação, o uso do nível cultural, quando comparado com a interminável densidade da vida quotidiana. Como nos explica Damásio, a vida do corpo humano implica, obrigatoriamente, a produção sistemática (em tempo real, como se diz em linguagem informática) de imagens do corpo embebidas em emoções que produzem sentimentos que em determinadas circunstâncias se tornam conscientes. Em circunstâncias ainda mais raras, pensando já ao nível social, estimulam expressões discursivas culturalmente articuladas de modo a motivarem um episódio comunicacional eficaz. Se isso transporta inequivocamente o desejo de estimular auto-estima a um outro ser humano, é agora clara a pertinência do valor da frase “amo-te”?

---

11 Um dos males do tempo, muitas vezes denunciado pelos investigadores sociais, é o relativismo. Quanto mais absoluto tanto mais inerte.

## Análise social dos sentimentos

Ainda não. Há que explicar também a facilidade com que tal expressão pode servir para enganar quem deveria ser beneficiado, segundo a apresentação anterior. É que o nível cultural, precisamente porque perde densidade relativamente ao nível quotidiano, ganha em margem de manobra, em destreza.<sup>12</sup> Do mesmo modo que os buracos negros fazem parte do universo de uma forma obscura, também as partes sombrias das culturas, nomeadamente os tabus e os segredos, os medos e as culpas, são tão importantes como as expressões expostas. Quer dizer: se o vigarizado, o *otário*, o explorado, o dominado se deixa ludibriar pelas aparências, é porque não se dispõe a agir explicitamente para transformar o seu quotidiano. Prefere que terceiros o façam por ele(as), por insegurança e desorientação. Prefere depositar confiança em quem eventualmente não a mereça, tanto mais quanto não tenha entretanto encontrado as parcerias sociais afectivamente satisfatórias para as suas necessidades específicas de auto-estima e intervenção.

O amor é a capacidade de suporte unidireccional ou multidireccional de assumir riscos com o fito de atingir estabilidade emocional. Porém, essa estabilidade pode ser atingida a níveis diferenciados de trocas emocionais garantidas, digamos assim, conforme as necessidades próprias de cada um, conforme a intensidade das relações pessoais, conforme o nível etário que se vive. Quanto mais investidas todas as trocas emocionais em menos relações sociais, mais facilmente problemas ou rupturas emocionais a esse nível têm consequências nefastas. Estas considerações são relevantes principalmente se estivermos a pensar em sociedades — como as nossas — em que a tendência para viver só ou em núcleos familiares mínimos é evidente e muito forte. E isso acontece quando o amor-paixão, próprio do ideal do casal procriador apaixonado, é ao mesmo tempo o modelo social de partilha de sentimentos e emoções e uma fonte de profunda dor — mensurável pelo número de depressões e divórcios verificados.

Também no trabalho, como nos revela a sociologia das organizações quando se refere à organização informal ou à economia paralela, para além dos valores afirmados — por exemplo, pelos sindicatos ou pelas associações profissionais ou de empresários — há muita canga de tabus, segredos, conspirações, não ditos, guardados pela força social, pela força política, mas também pela força das armas, quando é o caso disso.

A cultura, e em especial a palavra, são perseguidas por revelarem o irrelatado, por provocarem as consciências para a crítica da vida quotidiana, cultural ou volutiva. Como escreve Alberoni (1989), o amor-paixão é subversivo. Transforma a condição mental do ser humano noutra coisa — esperançada e entusiasmada — que anteriormente não tinha sentido.<sup>13</sup>

---

12 Provébio popular: “Faz o que te digo, não faças o que eu faço”.

13 “Sentido” tem aqui o duplo sentido: sentimento, como Damásio o concebe, e orientação, isto é, a função que a mente cumpre no desenho neurobiológico humano, de acordo com a concepção do mesmo autor.

Como distinguir (e porque distinguir) nestes processos o bem e o mal, de que fala a *Ética* de Espinosa que Damásio retoma?

### *Emoções e espírito moderno*

António Damásio distingue três categorias de “emoções-propriadamente-ditas (...): emoções de fundo, emoções primárias e emoções sociais” (Damásio 2003: 60). “Mapear (...) padrões mentais (...) consciência (...)” de diversos níveis, de fundo, primários ou sociais, são necessidades básicas para ocorrência de sentimentos (Damásio 2003: 131). Por sua vez, agora especificamente ao nível social, pode admitir-se a referenciação de outros níveis diferenciados em que os sentimentos também se exprimem: um nível de fundo ou quotidiano, um nível primário de expressão culturalizada através do verbo, da escrita, das artes em geral, e um nível mais estrutural e rarefeito, um nível estratégico de fixação de disposições, de estabilização emocional, para o que os processos civilizacionais utilizam instituições e instâncias de decisão (e poder) mais abstractos, temporal e espacialmente progressivamente mais extensos, seja sob a forma de nacionalismo, imperialismo, colonialismo ou globalização.

A característica de rarefacção do nível social superior significa uma maior escassez de sentimentos. Campo privilegiado de experimentação social da razão pura, que para melhor se autolegitimar imagina e propaga a ideia — dominante e estruturante — da sua independência relativamente aos sentimentos, aos afectos e às emoções. O facto de isso ser obviamente falso, como nos chama a atenção Damásio, não impediu o curso de tal tipo de ideias. Pelo contrário: foram os sentimentos das classes dominantes face à repugnância social por elas próprias sentidas relativamente ao exercício do poder institucional e de estado (cf. Hirschman, 1997; ou Tocqueville, 2002, por exemplo), em particular no que diz respeito ao uso da violência, que elevaram ao nível social estratégico a ideologia da pureza da Razão e, por extensão, da ciência. Este tema merece uma discussão mais aprofundada, que aqui não faremos. O nosso objectivo é tão-só o de chamar a atenção para a importância estratégica do amor-paixão, do lado explícito da cultura (sexo, violência e conspiração são, entre outros, também muito glosados nas artes, temas do outro lado, do lado obscurecido).

Centro das atenções do cristianismo, a paixão tornou-se a pouco e pouco mote de necessidade básica quotidiana legítima, a par com a reprodução e a herança familiar, valor ético legitimador das práticas culturais e cívicas, nomeadamente ao nível da fundação e estruturação social de movimentos artísticos e movimentos sociais, e modo indispensável de legitimar actividades estratégicas (amor-paixão pela cidade que se representa, pelo país, pela classe, pela profissão, pelos designios institucionais da instituição, etc.).<sup>14</sup> Prova da ambiguidade emocional polarizada de que o amor-paixão (estratégico, isto é, na sua qualidade de estrutura estruturada e estruturante) faz parte, é a constante dúvida existencial sobre a genuinidade

---

14 Para entender relação entre amor-paixão e movimentos sociais ler Alberoni (1989).

dos sentimentos puros que os cidadãos das sociedades avançadas quotidianamente interrogam: “estarei a ser sincero comigo mesmo e com os outros?” Para traduzir nos nossos termos analíticos, será que o amor-paixão que julgo ou gostava de estar a sentir é isento de sentimentos agressivos (violentos, de ódio, de vingança, de abuso)? Evidentemente que não há nenhuma solução prática para o problema: essa é uma condição emocional própria da modernidade tardia, a que repugnam as atrocidades contra quaisquer outros seres humanos (não era assim recentemente, quando os regimes coloniais se sentiam legitimados para dividir o mundo entre si), mas que não pode evitar de assistir à continuidade das violências mais diversas, apesar do fim da Guerra Fria, das mais diversas denúncias cívicas, das declarações políticas de respeito pelo espírito moderno (cf. Dores, 2003a e 2003b). Do mesmo modo que se verifica que o ódio toma o lugar do amor-paixão, de um momento para o outro, no divórcio ou na violência doméstica ou no abuso de crianças, que a livre circulação e debate de ideias, os projectos artísticos ou desportivos, os serviços públicos e as instituições se tornam em campos concorrenciais submetidos a interesses “comerciais”.

#### Dualismo moderno

O espírito moderno é uma hidra de duas cabeças: do lado político concebe mercados pacificados, ciências livres, profissionais e trabalhadores livres, indústrias livres, todos a tirar partido da natureza oferecida, conforme os ditames da razão pura, lógica, reducionista, tecnocrática ou positivista. Do lado secreto engendra manipulações capazes de interpretar e conduzem na prática as concepções explícitas na via da satisfação de interesses particulares, não explícitos ou mesmo escamoteados (“o segredo é a alma do negócio”, diz-se), nomeadamente através da imposição de conotações apropriadas às expressões sociais mais relevantes estrategicamente.<sup>15</sup> O puritano espírito do capitalismo, apresentado classicamente por Max Weber, é uma expressão exemplar do espírito moderno: tão radical e circunspecto, no seu misticismo contemplativo, como na legitimação da exploração e na diferenciação concorrencial entre semelhantes.

O amor-paixão, apesar da sua grande capacidade de atracção a nível civilizacional, concentra-se em um número de objectos e/ou objectivos extremamente limitados. Essa é uma das características desse sentimento, mais radical que a sua eventual instabilidade. Aos objectos, observados na perspectiva apaixonada, avivam-se-lhes os sentidos.<sup>16</sup> Nuns casos sob a forma de uma empatia extrema, noutros casos com indiferença radical, noutros casos ainda com repugnância frequentemente radical.<sup>17</sup> Ao lado obscuro, não dito, secreto, vingativo ou simplesmente

---

15 Cf. Eder (1993), que se referiu à crescente importância da luta cultural na luta de classes actual, que pode explicar em parte a hipertrofia deste tipo de actividades nas sociedades avançadas.

16 Novamente, como na nota acima, sentidos tem aqui duas interpretações apropriadas e complementares: sentidos de sentimentos apercebidos e sentidos de orientação da acção.

17 Sobre o assunto ler Elias (1989), capítulo “Cenas da vida de um cavaleiro”. Também se pode pensar no comportamento de pais de crianças pequenas para encontrar comportamentos

ciamento do sentimento dominante explícito na nossa civilização — o amor-paixão — temos dado o nome de proibicionismo.<sup>18</sup>

Outro exemplo do dualismo moderno pode ser observado nas leis jurídicas: naquelas que estão em uso e em desuso e também no modo como as leis são usadas. As instituições judiciais acolhem leis através de regras instituídas em cima e recebem casos por vias igualmente instituídas, em baixo. Decidem secretamente, kafkianamente, por mais que a luta secular pela publicitação e transparência dos procedimentos judiciais se tenha desenvolvido.<sup>19</sup>

É todo um programa epistemológico por desenvolver, não apenas a nível neurobiológico mas também a nível sociológico e, eventualmente, noutras disciplinas.

### *Neurobiologia e sociologia*

No “(...) comportamento civilizado (...) a possibilidade de antecipar [o futuro] sob a forma de simulação imaginária (...) trocamos a gratificação instantânea e o prazer imediato por um futuro melhor e aceitamos os sacrifícios imediatos que esse contrato requer” (*idem*: 169). Eis uma apresentação reveladora de um trabalho de introspecção que perfeitamente poderia ser classificado de durkheimiano. Também Durkheim, com a sua prioridade à necessidade de valorização da nova ordem social, entendia a divisão social do trabalho como uma dedicação à solidariedade orgânica, à confiança comum e partilhada — consciência social ou moral social — de que todos e cada um cumpriria as suas tarefas de modo a que, no cômputo final, embora todos viessem a ficar mais dependentes da sociedade, cada um poderia beneficiar com isso pela quantidade e qualidade dos resultados.

Esta perspectiva, embora muito difundida pela vulgata sociológica, pode facilmente ser criticada por ser ingenuamente moralista (há muitos seres humanos, bem modernos e civilizados, cujo comportamento radicalmente egoísta e até explorador pode mesmo ser celebrado socialmente como exemplar, e nem por isso a modernidade deixa de fazer o seu caminho) e sociocentrada (a maioria das pessoas, infelizmente, vivem com necessidades tão urgentes que seria impossível imaginar que tenham cálculos de médio prazo, dado os problemas de sobrevivência que enfrentam). As classes médias podem imaginar, para seu próprio conforto, que são

---

radicalizados relativamente aos perigos eventuais e também às ligações afectivas.

18 Desenvolvemos a ideia em Dores (2003f). Outras referências ao tema em Dores (2003a, 2003b e 2003e).

19 Estamos a pensar em casos como o da luta contra as drogas — cuja política proibicionista coincide com o desenvolvimento exponencial dos mercados clandestinos, com a colaboração de instituições reconhecidas e altamente prestigiadas —, ou na criminalização das práticas de interrupção voluntária da gravidez — que, na prática, não se usa, a não ser (como explicar?) em casos extraordinários —, ou na luta contra a tortura e tratamentos degradantes, que se continuam a praticar nas instituições de mais alta segurança dos estados que subscreveram tratados de abolição de tais práticas — situação que se tornou grave em Portugal, conforme relatórios da Amnistia Internacional, e que explodiu, digamos assim, nos EUA e noutros países seus aliados na ocupação do Iraque, na sequência das fotos da prisão de Abu Grahیب divulgadas pelos próprios criminosos.

o cérebro social e, por isso, por um lado, têm direito a viver confortavelmente e, por outro lado, podem fazê-lo deixando do lado obscuro das suas mentes (e da consciência social) as misérias de vidas alheias, que são a condição de uma enorme “minoría” da população mundial.

A experiência bioética e problemas políticos da nossa época

Uma das vantagens que terá a intensa colaboração entre neurobiologia e sociologia será a remobilização do debate anti-racista dentro da ciência, como forma de clarificar os sentimentos que tornam o racismo (ou o terrorismo, ou a guerra) numa realidade, apesar de ser geralmente reconhecida a sua fealdade e a sua maldade. Uma primeira forma de o fazer será não perder de vista, nas nossas reflexões científicas, a imbricada unidade entre os corpos e as mentes respectivas, como é defendido por Damásio. Portanto, há que denunciar a persistência em caminhos sociocêntricos (mal) frequentados pela teoria social, sem resultados práticos para os problemas mais fundamentais. Haverá que dar prioridade a novas orientações de pesquisas, precisamente centradas num melhor conhecimento dos mecanismos neurobiológicos e também sociais das emoções, dos sentimentos e dos estados de espírito.

“Considerando a vida como uma acrobacia na corda bamba, a maior parte dos sentimentos são expressões de uma luta contínua para atingir o equilíbrio (...)” (*idem*: 20). Há bem explícita nesta frase uma ambiguidade que merece ser atalhada.

A teoria social excepcionalmente pensa na morte, e quando o faz, fá-lo tomando-a como um objecto específico. Não é apenas por pudor. É por tabu.

Se a teoria social concebesse cada indivíduo como um ser que nasce, cresce, se desenvolve e vive diferentes condições de vida e, portanto, exprime as suas competências inatas e aprendidas de acordo com as suas decisões próprias e as condições do meio (em vez de o conceber de forma estereotipada como ser adulto, branco, activo, de boa saúde, com rendimentos satisfatórios e masculino), nesse caso os indivíduos complexos que somos, também morríamos. Infelizmente prevalece a versão reducionista e ideologicamente conformada de indivíduo imortal no pensamento sociológico, e isso, naturalmente, tem as suas consequências.

A pesquisa da vida na corda bamba revela-nos o profundo conhecimento de António Damásio sobre a precariedade dos estímulos vitais. “(...) [O] equipamento inato da regulação da vida não está desenhado para produzir um estado neutro, a meio caminho entre a vida e a morte. Pelo contrário, a finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que o neutro (...)”. Até aqui tudo bem. A partir daqui é que a nossa discordância volta a revelar-se: “produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos como bem-estar. (...) um estado de vida equilibrado (...)”. Como é que o “esforço implacável da autopreservação presente em qualquer ser (...)” (*idem*: 51/52) é ao mesmo tempo uma luta pela vida, jamais neutra, e é capaz de produzir sempre um estado de bem-estar? Nunca produz um estado de mal-estar? Será este último menos vulgar ou menos saudável ou menos natural que o primeiro?

Explorando Prigogine (1996), temos que aprender a dar continuidade ao estudo da irreversibilidade sem fazer da reversibilidade, dos estados de equilíbrio,

mais do que aquilo que são: ideais-tipo eventualmente observáveis na realidade, mas mais úteis como formas de ancoragem dos nossos raciocínios teóricos do que como expressões entre o bem-estar (apaixonado?) e o mal-estar (patológico?). Esse é o desafio da complexidade. Aprender a viver com a incerteza e, ainda assim, a calculá-la ou a compreendê-la.

O erro de António Damásio ocorre quando se propõe passar a barreira interdisciplinar, na sua perseguição tenaz aos sentimentos sociais. Do lado de cá da fronteira, do lado que menos bem conhece, aceita as armadilhas que soube contornar e evitar do lado neurobiológico. É traído pela barreira ideológica que refracta as suas intuições e as reflecte em direcção ao campo de partida. A estanquicidade interdisciplinar está institucionalizada não apenas nas organizações que suportam as diferentes disciplinas mas também pelas próprias produções disciplinares. Não, evidentemente, da maneira como a Inquisição travava os humanistas no tempo de Espinosa. Mas certamente de outras maneiras, também eficazes.

Podem identificar-se duas fontes de erro, no trabalho de António Damásio: decorrente uma da inspiração em Espinosa e outra da inspiração em Darwin.

A “(...) tendência natural a preservar a sua própria vida” (*idem*: 196) pode servir para explicar a selecção natural — as espécies que não tiveram condições (objectivas e subjectivas) para tal, extinguiram-se —, mas não explica comportamentos individuais. Essa foi, de resto, uma das primeiras perplexidades da teoria social, quando Durkheim se questionou como o altruísmo (sentimento positivo) pode ser uma fonte de suicídio? A resposta que encontrou é que, embora não se possa anteciper que pessoa concreta se irá suicidar, pode, com pouca margem de erro, anteciper-se quantos suicídios cada sociedade (cada grupo etário, cada género, cada religião, etc.) irá produzir, se assim se pode falar.

“[N]um sistema complexo de interdependência com o nosso próprio organismo” (*idem*: 197), corpo e mente, a sociedade e a natureza experimentam e reagem mutuamente ao vivo, em tempo real, por vezes de forma destrutiva — sem que a justiça e os valores possam fazer alguma coisa. Pela observação empírica da história da humanidade, não é mais natural, nem sequer é mais civilizado, o amor ou a guerra, a paixão ou o proibicionismo: todos exigem uma disciplina própria para existirem e se manterem, todos acontecem de forma recorrente, como os fogos na natureza, a modernidade teve efeitos de hipertrofia bem documentados (sobre o assunto ler Elias, 1990 e 1997; Hobsbawm, 1994; Soares, 2003a e 2003b).

## Erro 2

Quando Damásio escreve “[n]a minha perspectiva actual, os sentimentos são a expressão do florescimento humano ou do sofrimento, na mente e no corpo” (*idem*: 20), pode estar documentado para o fazer, apesar de ter também identificado mecanismos automáticos de inibição de circuitos neurais, quando existe o risco de a dor perturbar irremediavelmente o organismo que, sem ela, possa tentar resistir a uma crise. Mas que diga que “(...) a meta final dessas instituições é a promoção da vida e o evitar da morte, é o robustecer do bem-estar e a redução do sofrimento. O

desenvolvimento de mecanismos de homeostasia social foi importante para os seres humanos porque a regulação automática da vida tem limites drásticos quando os ambientes físicos e sociais se tornam particularmente complexos” (*idem*: 192), é uma extrapolação que não resiste aos factos: a violência e a destruição estão instituídas ao mais alto nível, porque também foram das primeiras instituições a serem criadas, nomeadamente para regular as oportunidades reprodutivas dos grupos humanos mais precários — por exemplo, o rapto e a troca de mulheres férteis, conforme nos ensinou a antropologia.

A humanidade pode ter rompido o ciclo de selecção natural (que provavelmente só à luz da nossa ignorância parece ser radical) mas, ao mesmo tempo, o homem tornou-se o lobo do homem, para retomar uma frase famosa. Não há nisso nenhuma moral edificante, mesmo que isso seja reconfortante para aqueles de nós mais resguardados dos crimes sociais, muito banalizados, mesmo quotidianos, para uma parte significativa da humanidade.<sup>20</sup>

Se quisermos profanar o sepulcro faraónico da ciência, devemos proceder com cuidado e não nos deixarmos impressionar pela letra das ameaçadoras maldições. Se quisermos realizar trabalho transdisciplinar, há que promover o acordo entre críticos especializados, bons conhecedores de cada uma das disciplinas e capazes de diálogo epistemológico. Quanta humildade e disponibilidade serão necessárias? Como abstrair dos poderes hierárquicos que organizam as relações científicas?

### Referências bibliográficas

- Alberoni, Francesco (1989), *Génesis*, Lisboa, Bertrand.
- Alberoni, Francesco (1991), *A Árvore da Vida*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Almeida, João Ferreira de, António Firmino da Costa, e Fernando Luís Machado (1994), “Recomposição da estrutura socioprofissional e novos protagonismos sociais”, em António Reis (org.), *Portugal: 20 anos de Democracia*, Mem Martins, Círculo de Leitores, pp. 307-330.
- Bourdieu, Pierre (2001), *As Estruturas Sociais da Economia*, Lisboa, Piaget.
- Castels, Manuel (2004), *A Galáxia Internet: Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado, e João Ferreira de Almeida (2000), “Classes sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-46.

---

20 “[William] James dividia os seres humanos em duas espécies: aqueles cujos espíritos estavam cheios de entusiasmo e aqueles cujos espíritos estavam doentes”. “Espinosa parecia ser um destes espíritos entusiasmados, uma dessas pessoas nascidas com ‘uma incapacidade constitucional para o sofrimento prolongado’, e com ‘uma tendência para ver as coisas de modo optimista’. E tudo isto era especialmente irritante para William James. Para os Espinosas deste mundo, dizia James, ‘o mal é a doença, e a preocupação com esta doença é, em si mesma, uma forma adicional de doença que simplesmente se junta ao sintoma original’” (*idem*: 313).

- Damáσιο, António (1999), *O Sentimento de Si*, Lisboa, Europa-América.
- Damáσιο, António (2003), *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, Lisboa, Europa-América.
- Damáσιο, António (2004), *Looking for Spinoza*, Londres, Vintage.
- Dores, António Pedro (2001), “Os estados de espírito, intenções e estigmas”, documento de trabalho do Departamento de Sociologia do ISCTE, Lisboa, ISCTE.
- Dores, António Pedro (2003a), “Espírito moderno e desníveis de poder”, em <http://home.iscte.pt/~apad/textos.html>.
- Dores, António Pedro (2003b), “Espírito moderno, violência e teoria social”, comunicação à mesa redonda Violência na Contemporaneidade, XI Congresso Brasileiro de Sociologia, *Sociologia e Conhecimento: Além das Fronteiras*, 1 a 5 de Setembro de 2003, Unicamp, Campinas/SP, em <http://home.iscte.pt/~apad/textos.html>.
- Dores, António Pedro (2003c), “Contribuições para a crítica da teoria da conspiração”, em <http://home.iscte.pt/~apad/textos.html>.
- Dores, António Pedro (2003d), “Modernização das prisões”, em António Pedro Dores (org.), *Prisões na Europa: Um Debate que Apenas Começa / European Prisons: Starting a Debate*, Oeiras, Celta Editora.
- Dores, António Pedro (2003e), *Proibicionismo e Anomia: Uma Apresentação do Conceito Estados-de-Espírito*, provas de agregação, Lisboa, ISCTE.
- Dores, António Pedro (2003f), *Espírito Proibicionista*, manuscrito policopiado.
- Dores, António Pedro (2004a), “Estados de espírito e instituições sociais”, manuscrito policopiado.
- Dores, António Pedro (2004b), “Anomia em Durkheim: entre a sociologia e a psicologia prisionais”, *Jornadas de Estudos Penitenciários*, Paulo Pinto Albuquerque e Faculdade de Direito da Universidade Católica (orgs.), Lisboa, dia 7 de Maio de 2004, policopiado.
- Eder, Klaus (1993), *The New Politics of Class: Social Movements and Cultural Dynamics in Advanced Societies*, Londres, Sage.
- Elias, Norbert (1990), *O Processo Civilizacional*, (vols. I e II), Lisboa, D. Quixote (1.ª edição alemã, 1939).
- Elias, Norbert (1997), *Os Alemães*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Foucault, Michel (1975), *Surveiller et Punir: Naissance de la Prison*, Paris, Gallimard.
- Hirschman, Albert O. (1997), *As Paixões e os Interesses*, Lisboa, Bizâncio.
- Hobsbawm, Eric (1994), *The Age of Extremes: A History of the World, 1914-1991*, Nova Iorque, Pantheon Books.
- Hottos, Gilbert (1990), *O Paradigma Bioético*, Lisboa, Salamandra.
- Kuhn, Thomas S. (1970), *La Structure des Révolutions Scientifiques*, Paris, Flammarion.
- Lyon, David (1994), *The Rise of the Surveillance Society*, Cambridge, MA, University of Minnesota Press.
- Neves, Leonor Curado, António José Saraiva, e Óscar Lopes (2004), *Correspondência*, Lisboa, Gradiva.
- Prigogine, e Stengers (1980), *A Nova Aliança*, Lisboa, Gradiva.
- Prigogine, Ilya (1996), *O Fim das Certezas*, Lisboa, Gradiva.
- Reich, Robert B. (1991), *O Trabalho das Nações*, Lisboa, Quetzal.

- Resnick, Stephen, e Richard Wolff (2004), *Teoria de Classe e História: Capitalismo e Comunismo na URSS*, Coleção Contemporânea, Lisboa, Campo da Comunicação.
- Saraiva, António José (1969, 1994), *Inquisição e Cristãos Novos*, Lisboa, Estampa.
- Snow, Charles P. (1956), *Duas Culturas*, Lisboa, D. Quixote.
- Tocqueville, Alexis de (2002), *Democracy in America*, Nova Iorque, Mansfield e Winthrop.
- Wacquant, Loïc (2000), *As Prisões da Miséria*, Oeiras, Celta Editora.
- Woodiwiss, Michael (1988), *Crime, Crusades and Corruption: Prohibitions in the United States, 1900-1987*, Londres, Piter Publisher.
- Young, Jock (1999), *The Exclusive Society*, Londres, Sage.

António Pedro Dorés. Docente doutorado com agregação do Departamento de Sociologia do ISCTE. Investigador do CIES/ISCTE.  
*E-mail:* antonio.dores@iscte.pt

### **Resumo/ abstract/ résumé/ resumen**

#### *Os erros de Damásio: homenagem a uma fonte de inspiração*

António Damásio protestou a importância da cooperação científica entre a neurobiologia e as ciências sociais, em particular na definição do que são emoções sociais. Essa é uma das consequências da ruptura de paradigma com que avança para novas explicações sobre o funcionamento da mente e do corpo humanos, a que, portanto, não pode estar alheia a sociedade, já que as três entidades fazem parte do mesmo todo articulado e diferenciado. Este trabalho pretende contribuir para uma resposta positiva e enriquecedora da teoria social ao desafio transdisciplinar.

Palavras-chave Corpo, emoções, estados de espírito, níveis sociais.

#### *Damásio's errors: homage to a source of inspiration*

António Damásio asserted the importance of scientific co-operation between neurobiology and the social sciences, particularly in defining what social emotions are. This is one of the consequences of the paradigm change with which he advances towards new explanations of the functioning of the human mind and body — of which society cannot be oblivious, as the three entities are part of the same articulated and differentiated whole. The aim of this work is to contribute to a positive and enriching response on the part of social theory to the cross-disciplinary challenge.

Key-words Body, emotions, states of mind, social levels.

*Les erreurs de Damásio: hommage à une source d'inspiration*

António Damásio a souligné l'importance de la coopération scientifique entre la neurobiologie et les sciences sociales, en particulier dans la définition des émotions sociales. C'est l'une des conséquences de la rupture de paradigme à partir de laquelle il se lance dans de nouvelles explications sur le fonctionnement de l'esprit et du corps humains, qui ne saurait être dissocié de la société, puisque ces trois entités font partie d'un même tout articulé et différencié. Ce travail vise à contribuer à une réponse positive et enrichissante de la théorie sociale au défi transdisciplinaire.

Mots-clés Corps, émotions, états d'esprit, niveaux sociaux.

*Los errores de Damásio: homenaje a una fuente de inspiración*

António Damásio reclamó la importancia de la cooperación científica entre la neurobiología y las ciencias sociales, en particular en la definición de lo que son emociones sociales. Ésa es una de las consecuencias de la ruptura de paradigma con que avanza para nuevas explicaciones sobre el funcionamiento de la mente y del cuerpo humanos, a lo que, por tanto, no puede estar ajena la sociedad, ya que las tres entidades forman parte del mismo todo articulado y diferenciado. Este trabajo pretende contribuir a una respuesta positiva y enriquecedora de la teoría social al desafío transdisciplinar.

Palabras-clave Cuerpo, emociones, estados de espíritu, niveles sociales.